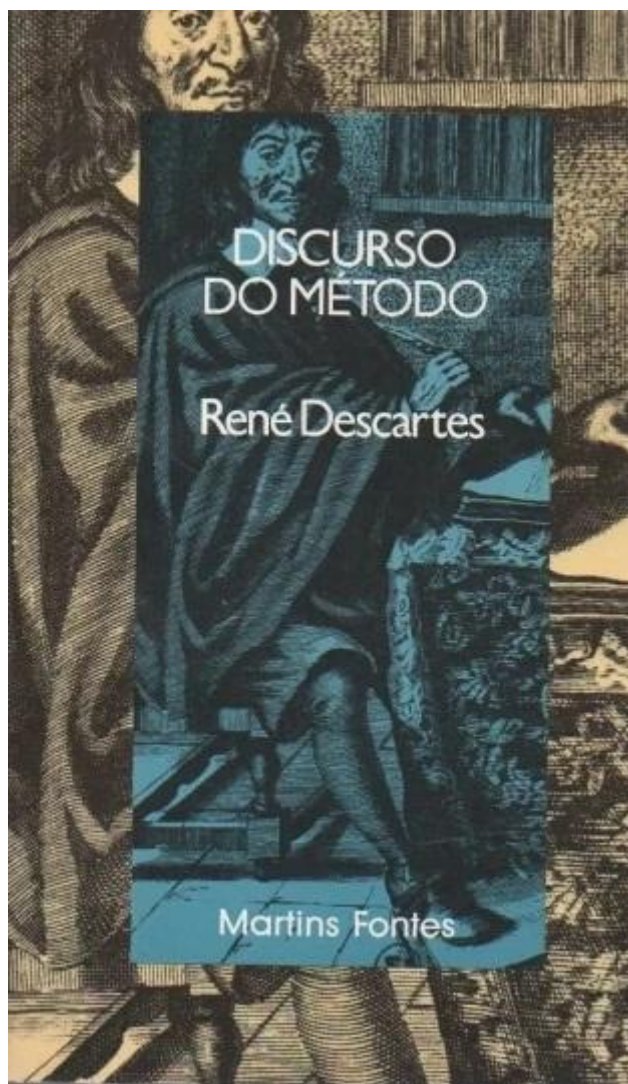
Discurso Do Método (Resumo Feliz)

Descartes, René, 1596-1650. Discurso do método /René Descartes: (tradução Maria Ermantina. Galvão). - São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Prefácio

O título do livro parece prometer uma explanação sobre o método. (...) uma narrativa sucinta da carreira do autor e um esboço bastante amplo de sua doutrina. (Página XVII)

A intenção do *Discurso* não é didática, e sim narrativa. O *Discurso* é uma história destinada a mostrar como Descartes conduziu a razão. (Página XIX)

Para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências

Na primeira serão encontradas diversas considerações sobre ciências. Na segunda, as principais regras do método que autor examinou. Na terceira, algumas das regras da moral que ele extraiu desse método. Na quarta, as razões pelas quais prova a existência de Deus e da alma humana, que são os fundamentos de sua metafísica. Na quinta, a ordem das questões de física que examinou, particularmente a explicação do movimento do coração e algumas outras dificuldades pertencentes a medicina e também a diferença que existe entre nossa alma e a dos animais; na última, as coisas que ele julga necessárias para ir mais além da investigação da natureza do que já foi e as razões que fizeram escrever. (Página 4).

Primeira Parte

(...). As maiores almas são capazes dos maiores vícios, assim com/o das maiores virtudes; e aqueles que só caminham muito lentamente podem avançar muito mais, se sempre seguirem o caminho certo, do que aqueles que correm e dele se afastam. (Página 5 e 6)

Quanto a mim, jamais presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito que o do comum dos homens; muitas vezes até desejei ter o pensamento tão pronto ou imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla ou tão presente como alguns outros. (...) (Página 6)

Assim, meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para o bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo procurei conduzir a minha. (...) (Página 8)

(...) E, enfim, nosso século parecia-me tão florescente e tão fértil em bons espíritos como qualquer um dos precedentes. O que me levava a tomar a liberdade de julgar por mim todos os outros, e de pensar que não havia doutrina alguma no mundo que fosse tão como antes me haviam feito esperar. (Página 9)

(...) quando empregamos muito tempo viajando, acabamos por nos tornar estrangeiros em nosso próprio país; e, quando somos curiosos demais das coisas que se praticavam nos séculos passados, geralmente permanecemos muito ignorantes das que se praticam neste. (...) (Página 11)

(...). Os que têm o raciocínio mais forte e melhor digerem seus pensamentos, a fim de torná-los claros e inteligíveis, sempre são os que melhor podem persuadir do que propõem, ainda que só falem em baixo bretão e nunca tenham aprendido retórica. E os que têm as invenções mais agradáveis, e sabem expressá-las com mais ornamento e doçura, não deixariam de ser os melhores poetas, ainda que a arte poética lhes fosse desconhecida. (Página 11 e 12)

Segunda Parte

(...) A mera resolução de se desfazer de todas as opiniões antes aceitas como verdadeiras não é exemplo que todos devam seguir. E o mundo compõem-se de certo modo de apenas duas espécies de espírito aos quais ele não convém de modo algum, a saber, aqueles que, julgando-se mais hábeis do que são, não conseguem impedir-se de fazer juízos precipitados, nem ter bastante paciência para conduzir ordenadamente todos os seus pensamentos; daí resulta que, se tomassem alguma vez a liberdade de duvidar dos princípios que receberam e de se afastar do caminho comum, nunca poderiam manter-se no atalho que é preciso tomar para caminhar mais reto, e ficariam perdidos por toda a vida, e aqueles que, tendo bastante razão ou modéstia para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que alguns outros por quem podem ser instruídos, devem antes contentar-se em seguir as opiniões desses outros do que procurar por si mesmo outras melhores. (Página 21 e 22)

(...) tendo reconhecido que todos os que têm sentimentos muito contrários aos nossos nem por isso são bárbaros nem selvagens, mas que vários usam tanto ou mais que nós a razão(...) (Página 22 e 23)

(...) até nas modas de nossas roupas, a mesma coisa que nos agradou há dez anos, e que talvez nos agrade também daqui a menos de dez anos, parece-nos agora extravagante e ridícula (...) (Página 23)

Buscar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas de que meu espírito seria capaz

Nota de rodapé sobre a citação anterior: Ideia de que a dúvida só pode ser um momento de pensamento, e, como se trata antes de tudo de assegurar a vida,

deve-se ao menos "ter traçado a planta da nova casa, antes de demolir a antiga" (expressões da tradução latina desta passagem).

Preceitos de que a lógica é composta, acreditei que me bastariam os quatro seguintes

O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quanto fosse possível e necessário para melhor resolvê-las.

O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir. (Página 26 e 26)

Terceira Parte

(...) a fim de não permanecer irresoluto em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a sê-lo em meus juízos (...) formei para mim uma moral provisória que consistia em apenas três ou quatro máximas que gostaria de vos expor. (Página 31)

A primeira era obedecer às leis e aos costumes de meu país, conservando com constância a religião no qual Deus me deu a graça de ser instruído desde minha infância (...) (Página 31)

Para saber quais eram verdadeiramente suas opiniões, devia tentar mais o que praticavam do que ao que diziam

Nota de rodapé: Descartes estabelece uma distinção entre o juízo, que é uma função da vontade, e o conhecimento, que é uma função do entendimento. Ora, sendo a criança um juízo, depende da vontade. Logo, posso fazer um juízo sem tomar conhecimento do que faço. (Página 32)

Minha segunda máxima era ser o mais firme e resoluto que pudesse em minhas ações, e não seguir com menos constância as opiniões mais duvidosas, uma vez que por elas me tivesse determinado, do que as seguir se fosse muito seguras. Nisto imitando os viajantes que, achando-se perdidos em alguma floresta,

não devem ficar perambulando de um lado para outro, e menos ainda ficar parados num lugar, mas andar sempre o mais reto que puderem na mesma direção, e não a modificar por razões insignificantes, mesmo que talvez, no início, tenha sido apenas o acaso que lhes tenha determinado a escolha: pois, desse modo, se não vão exatamente onde desejam, ao menos acabarão chegando a algum lugar. (...) (Página 33 e 34)

Minha terceira máxima era sempre que tentar antes vencer a mim mesmo do que à **fortuna**, e modificar antes meus desejos do que a ordem do mundo, e, geralmente, acostumar-me a crer que não há nada que esteja inteiramente em nosso poder, a não ser os nossos pensamentos (...) (Página 35)

Fortuna: O curso dos acontecimentos

Quarta Parte

(...) finalmente, considerando que todos os pensamentos que temos quando acordados também nos podem ocorrer quando dormimos, sem que nenhum seja verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que haviam entrado em meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. (Página 44)

(...) pelo próprio fato de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, decorria muito evidentemente e muito certamente que eu existia; ao passo que, se apenas eu parasse de pensar, ainda que tudo o mais que imaginara fosse verdadeiro, não teria razão alguma de acreditar que eu existisse; por isso reconheci que eu era uma substância, cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir não necessita de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material. (...) (Página 45 e 46)

(...) E tendo notado que em *penso, logo existo* nada há que me garanta que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que para pensar é preciso existir, julguei que podia tomar por regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras. (Página 46)

Conhecer era maior perfeição que duvidar

(...) quer estejamos acordados, quer dormindo, nunca devemos nos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão. Há que se notar que digo de nossa razão, e não de nossa imaginação, nem de nossos sentidos. (...) (Página 54)

Quinta Parte

(...) como a luz, os sons, os odores, os sabores, o calor e todas as outras qualidades dos objetos exteriores podem imprimir nele diversas ideias por intermédio dos sentidos; como a fome, a sede e as outras paixões interiores também podem enviar-lhe as suas; o que nele deve ser aprendido pelo senso comum, onde essas ideias são recebidas; pela memória que as conserva, e pela fantasia que as pode transformar de várias maneiras ou com elas compor novas, e pode, pelo mesmo processo, distribuindo os espíritos animais nos músculos, fazer os membros desse corpo moverem-se de tantas maneiras diferentes, em relação tanto aos objetos que se apresentam a seus sentidos quanto às paixões interiores que nele existem, como os nossos se podem mover sem que a vontade os conduza. (...) (Página 73 e 74)

(...) se houvesse máquina assim que tivesse os órgãos e o aspecto de um macaco ou de qualquer outro animal sem razão, não teríamos nenhum meio de reconhecer que elas não seriam, em tudo, da mesma natureza desses animais; ao passo que, se houvesse algumas que se assemelhassem a nossa corpos e imitasse as nossas ações tanto quanto moralmente é possível, teríamos sempre dois meses muito certos para reconhecer (...) O primeiro é que nunca poderiam servir-se de palavras nem de outros sinais, combinando-as como fazemos para declarar aos outros nossos pensamentos. (...) E o segundo é que, embora fizessem várias coisas tão bem ou talvez melhor do que algum de nós, essas máquinas falhariam necessariamente em outras, pelas quais se descobriria que não agiam por conhecimento, mas somente pela disposição de seus órgãos. Pois, enquanto a razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as circunstâncias, esses órgãos necessitam de alguma disposição particular para cada ação particular (...) (Página 75 e 76)

Ora, por esses dois meios também se pode conhecer a diferença que há entre os homens e os animais. (Página 76)

Sexta Parte

Quantas às experiências, notei também que elas são tanto mais necessárias quanto mais avançados estamos no conhecimento. Pois no início mais vale nos servirmos apenas daquelas que se apresentam por si mesmas a nossos sentidos, e que não poderíamos ignorar, contanto que reflitamos um pouco que seja sobre elas, do que procurar outras mais raras e complicadas (...) (Página 84)

(...) E, se inscreva em francês, que é a língua de meu país, e não em latim, que é a de meus preceptores, é porque espero que aqueles que apenas ser servem da

razão natural, inteiramente pura, julgarão melhor de minhas opiniões do que os que só acreditam nos livros antigos. E, quanto aqueles que aliam o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meu juízo, não serão eles, estou certo, tão partidários do latim que se recusem a ouvir minhas razões porque explico em língua vulgar. (Página 100 e 101)

(...) minha inclinação me afasta tanto de toda espécie de outros projetos, principalmente daqueles que só poderiam ser úteis a uns prejudicando outros. (...) (Página 101)

Nota de rodapé: Pode-se acreditar que Descartes está recusando de antemão qualquer cargo de engenheiro militar que lhe pudesse ser oferecido. Por esse cuidado em evitar que a ciência seja posta a serviço da destruição, Descartes aproxima-se de Leonardo da Vinci, que temia o mau uso da “máquina voadora” que havia imaginado. Os sérios problemas criados atualmente pelo domínio técnico do homem sobre a natureza, se não foram previstos em toda sua amplidão, não deixaram de ser pressentidos em seu princípio por alguns dos que mais contribuíram para o advento.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2022

Tiago André Marques Malta
CRP: 05/38560
WhatsApp: (21) 99420-5918
E-mail: tiagomaltapsi@gmail.com
Blog: http://tiago-malta.blogspot.com/